

# História da literatura infantil (1959), de Nazira Salem:

literatura e sistema escolar  
Alice Áurea Penteadó Martha

**Como citar:** MARTHA, A. A. P. História da literatura infantil (1959), de Nazira Salem: literatura e sistema escolar. *In*: MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 157-172. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p157-172>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

#### 4.

### ***História da literatura infantil (1959), de Nazira Salem: literatura e sistema escolar***

---

*Alice Áurea Penteadó Martha*

Nazira Salem publica, em 1959, na esteira dos livros de Antônio d'Ávila (*Literatura infantojuvenil*, 1958) e de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (*Compêndio de literatura infantil*, 1959), a sua obra *História da literatura infantil*. Como as citadas, visava à orientação de professores e alunos, revelando estreita consonância com as teorias educacionais, notadamente aquelas voltadas à formação do professor “normalista”, uma vez que, segundo a organização do Ensino Normal no Estado de São Paulo, disposta na Lei N. 3.739, de 22 de janeiro de 1957 (Artigo 3º), a disciplina Literatura Infantil passava a ser obrigatória no currículo do Curso Normal dos Institutos de Educação e das Escolas Normais, com os objetivos: a) formar professores para o ensino primário; b) contribuir para o desenvolvimento cultural da comunidade; c) desenvolver e propagar conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância (SÃO PAULO, 1957, art. 1º). Para o cumprimento desses objetivos, a lei propõe disciplinas e carga horária:

O curso normal compreende as seguintes matérias: Português; História da Civilização Brasileira; Matemática; Física e Química; Anatomia e Fisiologia Humanas; Higiene;

Puericultura e Educação Sanitária; Biologia Geral; Biologia Educacional; Pedagogia; História da Educação; Filosofia da Educação; Psicologia Geral; Psicologia Educacional; Sociologia Geral; Sociologia Educacional; Metodologia do Ensino Primário e Prática do Ensino Primário; Literatura Infantil; Desenho Pedagógico; Música e Canto Orfeônico; Artes Aplicadas; Educação Física; Recreação e Jogos; Medidas Educacionais; Instruções Escolares (SÃO PAULO, 1957, art. 606, grifo nosso).

O mesmo artigo atribui a carga horária de duas horas à disciplina Literatura Infantil, na 3ª série:

*3ª Série*

Psicologia Educacional 2

Sociologia Educacional 2

Pedagogia e Filosofia da Educação 2

História da Educação 2

Higiene e Puericultura 2

Metodologia e Prática do Ensino Primário 5

Português – Literatura Infantil 2

Desenho Pedagógico 2

Artes Aplicadas 3

Música e Canto Orfeônico 2

Educação Física, Recreação e Jogos 2

(SÃO PAULO, 1957, art. 606, grifo nosso)

No Prefácio à primeira edição de *História da literatura infantil*, a autora, então diretora da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, aponta a carência de informações sobre “conceito, caracterização e finalidades”, aspectos que subsidiariam o ensino da disciplina nascente:

O nosso atual exercício na Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”, que nos coloca em contato diário com os livros infantis e com centenas de consulentes, nos permitiu constatar um crescente interesse em torno da Literatura Infantil nestes últimos meses. Os leitores que nos procuraram disseram-nos de sua dificuldade em encontrar livros referentes à história ou desenvolvimento dessa literatura. Muitos deles vindos do interior do Estado especialmente para esse fim nos fizeram sentir a obrigação de fornecer informações sobre o assunto (SALEM, 1959, p. 5).

Com a publicação da obra, Salem visa ao atendimento da urgente demanda de professores do Curso Normal, restringindo seu estudo a “dados informativos de caráter objetivo” da literatura infantil, em razão da exígua bibliografia sobre o assunto (SALEM, 1959, p. 6):

Quando os novos programas do Curso Normal foram postos em vigor, os professores de português de todo o Estado percorreram as livrarias e biblioteca na esperança de encontrar material copioso para preparo das aulas. No entanto, a indigência da bibliografia quer nacional, quer estrangeira logo se patenteou: o que se escrevera sobre Literatura Infantil era pouquíssimo, quase nada (SALEM, 1959, p. 7).

No prefácio à segunda edição (1970), o Prof. Cretella Júnior, considerando que *História da literatura infantil* “[...] atingiu o fim a que se propunha, ilustrou professores e alunos, preencheu o vazio que havia neste setor bibliográfico, teve sua edição esgotada, foi melhorado e ampliado, atingiu hoje sua nova edição” (JÚNIOR *apud* SALEM, 1970, n.p.), reconhece a importância do papel desempenhado pelo livro no momento de sua publicação, em 1959,

junto à comunidade escolar. Desde então, a obra de Nazira Salem vem sendo referenciada e citada nos trabalhos de pesquisa acadêmica sobre a produção infantil e juvenil brasileira.

A segunda edição de *História da literatura infantil* (1970), aumentada e reformulada, mantém as premissas básicas da publicação de 1959, no que se refere especialmente à orientação de professores e alunos e à estreita consonância entre o objeto estudado e as teorias educacionais. A nova estrutura é comentada pela autora na Apresentação da obra:

Modificamos a estrutura do livro, apresentando de início, a história da literatura infantil, parte que dá nome ao mesmo; em seguida, apresentamos os contos infantis já consagrados pela tradição, como clássicos, tanto aqueles que nos séculos XIX e XX foram adaptados à literatura infantil, como nos originais infantis que surgiram no século XX (SALEM, 1970, n.p.).

A primeira parte do livro, “História da literatura infantil”, cuja ampliação data de dezembro de 1969 (ver p. 61), segunda edição, divide-se em 11 tópicos - “Origem e desenvolvimento da literatura infantil”, “Sistemas educacionais dos povos”, “Teorias educacionais”, “Ensaio para o aparecimento da literatura infantil”, “Aparecimento da literatura infantil”, “Século XIX - Desenvolvimento da literatura infantil”, “Literatura infantil propriamente dita”, “Segunda metade do século XIX”, “Século XX”, “Primeira metade do século XX”, “Segunda metade do século XX” - apresenta a visão da autora sobre a origem da literatura infantil, concebida no entrelaçamento entre os sistemas educacionais e o desenvolvimento de estudos da psicologia e da pedagogia:

Num sucinto relato desses sistemas e das teorias educacionais, poderemos constatar como se comportavam as antigas civilizações em relação à educação da infância, e qual o papel dos sistemas e teorias educacionais, no aparecimento da literatura infantil (SALEM, 1970, n.p.).

A partir desse propósito, os tópicos tratam dos sistemas educacionais, desde a Antiguidade Clássica, passando pela Idade Média e pela Renascença, para, ainda que de modo apressado, chegar ao século XVIII, com informações difusas sobre a escolarização na América, na Inglaterra e na França, concluindo, também de forma rápida:

Até aqui não houve, pois, literatura infantil, mesmo porque o ensino elementar, apenas começou no século XVI e só então, surgiu a necessidade de ser encontrada a maneira de facilitar para as crianças o aprendizado, ou seja, a necessidade de uma pedagogia infantil (SALEM, 1970, p. 23)<sup>75</sup>.

No tópico “Teorias Educacionais”, Salem (1970) destaca, além da obra do educador inglês do século XVI, Richard Mulcaster, o pensamento de Comenius e de Locke, ambos do século XVII. O ponto importante da teoria de Mulcaster, segundo a autora, foi reconhecer que a educação elementar deveria ser ministrada às meninas também; valorizava a educação escolar em detrimento da realizada por preceptores e defendia a preparação dos professores para o magistério, pelas universidades, como eram preparados

---

<sup>75</sup> Optamos pela manutenção da redação original, ainda que sejam observados pequenos deslizes quanto à pontuação.

médicos e teólogos, bem como o emprego do idioma vernáculo no ensino.

Quanto às ideias de Comenius, pedagogo tcheco cujas obras educativas permaneceram desconhecidas por dois séculos, Salem (1970) enfatiza sua preocupação com a infância, notadamente, *Escola Maternal*, na qual faz a referência à educação infantil (“jardim da infância”) e *Didactica Magna* (1657), na qual apresenta os fundamentos da educação intuitiva: “Para Comenius a instrução devia se ocupar com matéria, que, pelo menos em sua forma elementar, estivesse dentro da experiência da criança” (SALEM, 1970, p. 25). Locke, educador inglês, por sua vez, ao escrever em 1693 *Pensamentos concernentes à educação*, considera que a educação deveria visar aos aspectos físico, moral e intelectual da criança, com o objetivo primordial da formação do caráter.

Em “Ensaio para o aparecimento da literatura infantil”, a autora cita obras e autores de grande repercussão e aceitação entre as crianças e no ambiente educacional, notadamente, as cartilhas e catecismos de La Salle, direcionadas às classes mais pobres; a publicação de contos do folclore por Madame d’Aulnoy, adaptados para a criança; *O diálogo dos mortos*, *Fábulas e Aventuras de Telêmeço*, obras (1699) de Fenelon, escritas para a educação do Duque de Borgonha, neto do Rei Luís XIV. Ressalta, por fim, as publicações de Madame Le Prince de Beaumont, entre as quais, *Revista das crianças* (1757) e *Tesouro das meninas* (1757), obras que, como as demais, caracterizaram-se “[...] por sua finalidade didática e constituíram um ensaio, um começo do aparecimento da literatura infantil (SALEM, 1970, p. 27).

No que se refere ao “Aparecimento da literatura infantil”, Salem (1970) enfatiza as profundas ligações dessa produção com as teorias educacionais, a começar por Rousseau que, com seu *Emílio* ou *Da Educação* (1762), constituiu a base do sistema educacional no século XIX. Rousseau

[...] considerava a criança um ser diferente do adulto, que devia ser educado de acordo com sua própria capacidade, não se devendo forçar sua mente; o contacto com as coisas da Natureza despertaria as faculdades próprias da sua individualidade, suas qualidades intrínsecas (SALEM, 1970, p. 28).

As ideias de Rousseau tiveram aplicação prática, a partir das publicações de Basedow, educador alemão que propunha o método natural, ou seja, a aprendizagem do idioma materno por meio da experiência. Basedow seria, segundo Salem, o responsável pelo surgimento de uma literatura infantil de caráter marcadamente didático. Além de Rousseau e seu divulgador, Basedow, outros importantes educadores foram o suíço Pestalozzi, com *Diário de um pai* (1774), que revelou, a partir da educação do próprio filho, méritos e problemas da teoria de Rousseau, e Arnaud Berquim, que publicou *O amigo das crianças*, uma série de contos infantis em doze volumes (1782 a 1783). No cômputo geral das obras arroladas neste tópico, a autora destaca a estreita relação entre literatura e pedagogia, predominante à época: “Os autores infantis que vão surgindo adotam a fórmula usada pelos educadores, em seus livros destinados à infância: através de exemplos forjados em narrativas, transmitem lições de conhecimento e de moral” (SALEM, 1970, p. 31).



Ao tratar do “Desenvolvimento da literatura infantil” (século XIX), o texto enfatiza a nova visão da criança, agora “considerada pelas ciências – psicológica, sociológica e educacional – como um ser diferente do adulto, com capacidade e necessidades próprias ao seu gradativo desenvolvimento” (SALEM, 1970, p. 31). Tal postura, segundo a autora, responsabiliza-se pelo surgimento de diversas obras para crianças, entre as quais, a dos Irmãos Grimm. Mas o tópico ainda está totalmente voltado para a apresentação de obras que refletem as tendências educacionais já comentadas, como as de John Frederick Herbart, educador alemão que complementa o movimento que coloca a criança como centro do universo, iniciado por Locke, estabelecido no *Emílio* de Rousseau e caracterizado por Pestalozzi na escola profissional. Herbart concede a essas ideias “[...] um caráter permanente e uma base científica, em lugar da imaginativa de Rousseau e da empírica de Pestalozzi” (SALEM, 1970, p. 32). Comenta, ainda, entre outros, o trabalho de Fröebel, educador alemão, fundador do primeiro “jardim da infância”, para quem a escola “[...] é um lugar onde a criança deverá aprender as coisas importantes da vida. E esse aprendizado deve ser dado através do brincar, do trabalho manual e do estudo da natureza” (SALEM, 1970, p. 34).

Concluídas as notas sobre as tendências educacionais que embasam o surgimento da literatura infantil, a autora passa a discorrer sobre “A literatura infantil propriamente dita”. Para ela, após a proposta de reforma educacional de Fröebel, a literatura apresenta “[...] um caráter recreativo, sem aquela finalidade de dar lições de moral ou instruir, mas procurando tão somente despertar o interesse da criança” (SALEM, 1970, p. 35). Desse modo, os

autores passam a desprezar os exemplos que ensinam, valorizando “[...] o elemento encantado, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta... e foram-no buscar nos contos de fadas, nos contos de ficção do passado” (SALEM, 1970, p. 36).

A segunda metade do século XIX é apresentada como o período de surgimento da literatura infantil propriamente dita, valorizadora da fantasia, do maravilhoso e do fantástico (SALEM, 1970, p. 37), com a publicação de obras de Perrault, Esopo, La Fontaine, dos Irmãos Grimm, entre muitas outras. A autora cita obras fundamentais de países e autores diversos, como as da Condessa de Ségur na França (*Contos de fadas, Memórias de um burro* (1860), *Meninas exemplares* (1858)), de Lewis Carrol, na Inglaterra (*Aventuras de Alice no país das maravilhas* -1865, *Alice através do espelho* -1872), de Collodi, na Itália, (*Pinóquio* - 1881) e, no Brasil, as adaptações infantis, realizadas por Carlos Jansen: “Em 1882 - *As mil e uma noites*; em 1885 - *Robinson Crusoe*; em 1888 - *As viagens de Gulliver*, em 1891 - *Barão de Münchhausen*” (SALEM, 1970, p. 41).

Valoriza sobretudo a obra de Perrault, assegurando que seus contos, em fins do século XIX, “[...] encantaram velhos e crianças de todo mundo. Atravessaram as fronteiras do espaço e do tempo e ainda hoje [1970] as crianças de todos os países e de todas as raças vibram com eles, pois foram traduzidos e vertidos para todas as línguas e adaptadas ao cinema” (SALEM, 1970, p. 42). Ressalta ainda a importância de *Cuore* (1886), de Edmundo De Amicis, livro adotado, inclusive, nas escolas brasileiras, bem como da obra do jornalista Alberto Figueiredo Pimentel que, com o seu *Contos da*

*Carochinha* (1894), reuniu quarenta contos populares de diversos países, e publicou ainda *Histórias da avozinha* (1896), entre outros.

Quanto à “Expansão da Literatura Infantil” no século XX, Salem (1970) apresenta inicialmente as concepções vigentes da pedagogia, notadamente a nova filosofia da educação preconizada por John Dewey, a Escola Nova, que visava sobretudo aos interesses da criança. E é a partir dessa visão que a autora enfatiza o caráter educativo da literatura infantil, ponto de vista que permeia todo livro:

É aqui que se verifica o valor da literatura infantil; do mérito do conteúdo dos contos: das lições de moral, de comportamento, de formação do caráter e da personalidade, que irão se incorporar ao ego da criança, formando assim o futuro adulto (SALEM, 1970, p. 49).

Para Salem (1970), o livro infantil do período procura atender às condições impostas pela educação renovada, com o intuito de “[...] desenvolver, desabrochar a personalidade infantil, inculcando-lhe bons ensinamentos, magníficos exemplos e procurando fazer dessa criança, um homem de valor” (SALEM, 1970, p. 49). Com essa crença, passa a discorrer sobre obras que, a seu ver, cumprem as prerrogativas da educação renovada, tais como: *O maravilhoso mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum; *Peter Pan e Wendy*, de James Mathew Barrie, entre outras.

Como, para a autora, as obras infantis “[...] procuram seguir os rumos educacionais da época” (SALEM, 1970, p. 52), outros dois métodos educacionais foram considerados importantes para o desenvolvimento da literatura infantil, o de Maria Montessori, que

defendia quatro princípios - vitalidade, liberdade, atividade e individualidade -, e o Método Decroly, que se baseava “[...] no cultivo da liberdade infantil e nos interesses da criança” (SALEM, 1970, p. 54). Não aponta, entretanto, como se estabelecem as relações entre os métodos arrolados e a produção da literatura infantil.

Na “Primeira Metade do Século XX” trata, rapidamente, das produções infantis em países como Argentina, Brasil, Estados Unidos – com destaque para a obra de Walt Disney – Hungria e Portugal e, no tópico final desta primeira parte do livro, “Segunda Metade do Século XX”, apresenta uma lista de autores brasileiros que, sob sua ótica, cumprem o objetivo da literatura infantil, “veículo poderoso na educação da infância”, que “procura não só recrear, mas também instruir” (SALEM, 1970, p. 61), concluindo com o que acredita ser a missão dos escritores para crianças:

Os autores infantis devem se propor a moldar personalidades com caráter íntegro, reto, puro, desinteressado, superior; pois este é o ideal educacional de nossos dias, e, como vimos, através deste desenvolvimento histórico, a literatura infantil seguiu sempre o ideal educacional da época, foi por assim dizer, forjada pelas teorias educacionais, para depois, por sua vez, moldar, forjar os caracteres infantis (SALEM, 1970, p. 61).

A segunda parte do livro, “Literatura infantil no Brasil”, dividida em tópicos como “Precursores”, “Pioneiros”, “Homens de Letras”, “Professores” e “Diversos autores”, apresenta biografia e produção infantil de autores como Thales de Andrade, Monteiro Lobato, Viriato Correia, Humberto de Campos, Érico Veríssimo,

Lourenço Filho, Ofélia e Narbal Fontes, Francisco Marins, entre muitos outros. Além das notas biográficas, a autora insere resumos de obras de alguns autores, como Francisco Marins, Elza de Moraes Barros Kyrillos, sem esclarecer aos leitores os critérios de escolha de obras resenhadas.

“Livros Célebres Adaptados à Literatura Infantil”, terceira parte do livro, como o título anuncia, traz apenas referências de “Romances históricos”, “Biografias – História – Música”, “Livros diversos” e “Enciclopédias”. Embora sejam obras importantes, não são apropriadas às crianças, revelando-se mais adequadas à formação leitora da professora “normalista”, público pretendido pela obra.

Ao tratar dos “Clássicos universais que nos séculos XIX e XX foram adaptados à Literatura Infantil”, IV parte do livro, a autora, reporta-se às fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine e, mantendo o foco no pressuposto de que a literatura para crianças constitui poderoso auxiliar da educação, enaltece o caráter didático de tais produções: “Tanto quanto as de Esopo, as fábulas de Fedro nos oferecem belas lições. Hoje são utilizadas não só no ensino da moral, mas também no estudo das respectivas línguas grega e latina” (SALEM, 1970, p. 132). O capítulo traz ainda comentários e sinopses de contos fantásticos como *As mil e uma noites*, de narrativas de aventuras – *As viagens de Marco Polo*, *Aventuras de Robinson Crusóé* (1719), de Daniel Defoe, *As viagens Gulliver* (1735), de Jonathan Swift, *D. Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes, entre outras, ressaltando que esta última foi escrita para adultos e adaptada para crianças:

A primeira adaptação portuguesa para a infância foi feita em 1927, em Portugal, por Henrique Marques Júnior, para a Coleção Manecas. Daí para cá, têm sido muitas as edições infantis: - da Editora Vecchi, Rio de Janeiro; de Monteiro Lobato; de José Pedretti; etc., embora as traduções fieis aos originais continuem sendo um agradável entretenimento para adultos (SALEM, 1970, p. 141).

Sobre os contos de fadas, comenta a obra de Perrault - *O barba azul, A bela adormecida do bosque, Chapeuzinho Vermelho, O gato de botas* - e os contos dos Irmãos Grimm, com uma breve análise de *Branca de Neve e os sete anões*, classificando-o como folclore:

Branca de Neve e os Sete Anões é uma história de folclore, onde o autor pune a barbárie de certas rainhas que, tendo na mão o poder, dele se utilizam para fins criminosos, sem se importarem com as consequências, demonstrando não ter a menor consideração pelo povo do seu reino... Há, entretanto, outras interpretações (SALEM, 1970, p. 162).

Por fim, na V parte do livro, “Clássicos Infantis propriamente ditos dos séculos XIX e XX”, a autora comenta vida e obra de Hans Christian Andersen, ressaltando o caráter autobiográfico de grande parte da produção do escritor – “Seus contos têm uma grande fidelidade de observação, retratando sempre a miséria da vida humana, e é isso justamente que o distingue dos outros autores. [...]. Entretanto, quase todos são alusivos à sua vida” (SALEM, 1970, p. 170). -, bem como o que denomina “contos morais” da Condessa de Ségur - *Meninas exemplares* (1858), *Memórias de um burro* (1860), entre outros. Sobre a obra de Ségur, observa:

Seus primeiros livros foram escritos com a intenção de agradar suas netinhas; entretanto, lidos por um amigo de família, este insistiu para que a condessa de Ségur fizesse um contrato com uma editora, o que se deu depois de alguma relutância. E surgiram, assim, uns após outros, esses livros cheios de ensinamentos de bondade e moral, e cujos diálogos muito agradam às crianças (SALEM, 1970, p. 172).

Outras narrativas importantes comentadas neste tópico final do livro são *Juca e Chico* (1865), de Wulhelm Busch – “É um livrinho interessante, que ensina os meninos a serem bons” (SALEM, 1970, p. 175)-, *Alice no país das maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, *Pinóquio* (1880), de Collodi, pseudônimo de Carlo Lorenzini, *O mágico de Oz* (1900), de Lyman Frank Baum, *Peter Pan* (1904), de James Mathew Barrie, e *A maravilhosa viagem de Nils Holgerson* (1907), de Selma Lagerlöf, cuja personagem, um jovem que maltratava os animais, é castigado e aprende ao final a lição: “O conjunto da obra, destinada a instruir as crianças e a inculcar-lhes o amor a seu país e aos animais, consegue atingir o seu alvo” (SALEM, 1970, p. 186).

Para concluir, parece-nos importante observar que o livro de Nazira Salem, *História da literatura infantil*, publicado inicialmente em 1959, com segunda edição em 1970, atinge os objetivos a que se propôs a autora, que visava ao atendimento da demanda do Ensino Normal do Estado de São Paulo, em situação de emergência frente à Lei N. 3,739, de 22/01/1957, instituindo a obrigatoriedade da Literatura Infantil no currículo do Curso Normal dos Institutos de Educação e das Escolas Normais. No intuito de cumprir à risca seu intento, Salem (1970) procurou estabelecer, insistentemente, relações intrínsecas entre teorias educacionais e a produção literária

para crianças, o que pode levar leitores de hoje a uma avaliação negativa do livro, se considerarmos as concepções vigentes sobre a função da literatura infantil. Entretanto, não podemos perder de vista o momento histórico-social da produção e circulação bem como o papel pioneiro desempenhado pela obra na sistematização da pesquisa histórica sobre a produção literária para crianças no Brasil.

Quanto aos autores e obras arrolados no livro, no que diz respeito aos brasileiros, há alguns aspectos relevantes que podem endossar a postura de Salem (1970) sobre essa produção, caso de Monteiro Lobato, para citar apenas um exemplo. Embora o autor já tivesse toda sua obra publicada em 1959, no tópico a ele destinado, há apenas dados biográficos e uma listagem de suas obras, fato que chama atenção em razão da discrepância em relação às informações sobre Elza de Moraes Barros Kyrillos e sobre Francisco Marins. A escritora, cujo pseudônimo é Elos Sand, estreou na literatura infantil em 1945 - poucos anos antes da publicação do livro de Salem -, tem 14 obras comentadas. O conteúdo das resenhas das narrativas de Elos Sand pode justificar o apagamento das obras de Lobato no panorama apresentado pelo livro. Se, em *O patinho teimoso* (1949), da autora citada, a personagem, castigada pela teimosia, aprende a lição e muda seu comportamento, bem maior para Salem (1970, p. 102) - “São várias histórias, sendo a primeira a de um patinho que, por ser teimoso, quase morre, tornando-se, então, um bom filho”, - as atitudes de Emília, a boneca rebelde e malcriada, em nenhum momento, são recriminadas pela voz narrativa em Monteiro Lobato, e seus disparates, nem sempre vistos com apreço pela instituição escolar e pela família, ganham cada vez mais espaço no mundo



narrado. O tratamento diferenciado pode ser observado também nos comentários sobre a obra de Francisco Marins, escritor que se dedicou à construção de heróis nacionais, os bandeirantes, à propaganda nacionalista e à divulgação do projeto de expansão da cafeeira no oeste paulista: “O autor procura dar, em seus livros, com um episódio histórico não apenas um ensinamento, mas também a certeza de que sempre se pode fazer alguma coisa pelos outros e pelo Brasil” (SALEM, 1970, p. 108).

### **Referências**

SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. São Paulo: Mestre Jou, 1959.

SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SÃO PAULO (estado). Lei Estadual n. 3.739, de 22 de janeiro. In: SÃO PAULO (estado). *Coleção de leis e decretos do Estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1957.